



## PRIMEIRO DIA

“Em termos de últimos dias, o meu foi uma droga.”

Lia Kahn está morta.

Eu sou Lia Kahn.

Portanto, como este é um problema de lógica que até uma criança não muito esperta conseguiria resolver, eu estou morta.

Exceto por uma coisa: eu não estou.

\*

— Não entre em pânico.

Era a voz do meu pai.

Era... e não era. Soava estranha. Abafada e metálica, mas de algum modo e ao mesmo tempo, nítida e precisa demais.

Eu não sentia dor.

Mas sabia, antes de saber qualquer outra coisa, sabia que devia estar com dor.

Algo forçou meus olhos a se abrirem. O mundo era um caleidoscópio, com formas e cores girando sem padrão, sem sentido, até que, sem aviso, meus olhos voltaram a se fechar, e então foi o nada. Nada de dor, nada de sentidos, nada de percepção de estar deitada ou de pé. Não era que eu não podia mexer as pernas. Não era nem que eu não podia sentir as pernas. Era que, com os olhos fechados, eu nem conseguia saber se tinha ou não pernas.

Ou braços.

Ou qualquer coisa.

Penso, logo existo, pensei, com uma onda de vertigem. Teria rido, mas não conseguia sentir a boca.

Entrei em pânico.

Paralisada.

Teve um carro, disso eu lembrava. E um barulho, como um grito, mas não exatamente; não o grito de um animal, nem de uma pessoa.

E fogo. Alguma coisa pegando fogo. O cheiro de algo queimando. Disso eu lembrava.

Não queria me lembrar disso.

Não conseguia me mexer. Não conseguia falar. Não conseguia abrir meus próprios olhos.

Eles não sabem que estou acordada aqui.

Em minha mente, eu ouvia o bater do coração que não conseguia mais

sentir, sentia pulmões imaginários se contraindo de horror, sentia o sal de lágrimas invisíveis.

Eles não têm como saber.

Meu pai. Minha mãe, que eu imaginava desarrumada do lado de fora do quarto, chorando, incapaz de entrar. Os médicos, que meu pai decerto teria mandado vir de todos os cantos do mundo. Zoie, que devia ter estado no carro, que devia ter sido a...

Todos eles iam achar que eu estava desacordada. Inconsciente.

Eu podia imaginar o tempo passando, a voz do médico se elevando acima dos soluços da minha mãe. “Ainda sem reação. Ainda sem nenhum movimento, nenhum som, nenhum piscar dos olhos. Ainda sem sinal de vida.”

Abriram meus olhos de novo, desta vez por mais tempo. As cores nadavam unidas, se dissolvendo em formas borradas num mundo subaquático. Na borda superior da minha visão, captei algo bulboso e carnudo, dedos que seguravam minhas pálpebras abertas. E, pairando sobre mim, uma figura obscura e indistinta, falando com a voz do meu pai.

— Não sei se você já consegue me ouvir. — O tom dele era seguro; as palavras, formais. — Mas garanto que tudo vai ficar bem. Tente ter paciência.

Meu pai afastou a mão do meu rosto e as pálpebras voltaram a se unir, fechando-me atrás de uma cortina de escuridão. Ele ficou ali. Eu sabia, pois dava para ouvir a respiração dele... só não ouvia a minha própria.

\*

Em termos de últimos dias, o meu foi uma droga.

O último dia que eu teria escolhido, o último dia que eu merecia, teria tido mais chocolate. Muito mais. Preto. Ao leite. Branco. Meio amargo. Com essência de oliva. Recheado de caramelo. Trufado. Ganache. Teria tido queijo também, do tipo macio, que desmancha, que deixa o quarto impregnado com o cheiro enquanto escorre pela garganta. Teria ficado deitada na cama o dia inteiro, comendo as coisas que não posso comer mais, ouvindo a música que não ligo mais para ouvir, sentindo. O algodão áspero dos lençóis. A fronha, a princípio fria ao toque, o calor crescendo lentamente contra o meu rosto. O ar preso silvando pela abertura, balançando minha franja sobre a testa. E o Walker. Pois, se eu soubesse, teria pedido para ele vir, teria dito: “Que se ferrem os meus pais, esquece a minha irmã, só fica aqui, comigo, hoje.” Teria sentido os pêlos macios dos braços dele e os pêlos grossos e ásperos brotando do seu queixo, os quais, a despeito de minhas ordens, ele ainda era preguiçoso demais para raspar mais que uma vez por semana. Teria sentido as pontas dos seus dedos sobre a minha pele, um toque delicado tão leve que, por tudo o que prometia e se recusava a cumprir, quase doía. Teria sentido o gosto de hortelã em seus lábios e adivinhado que ele trocara o creme dental por um chiclete naquela manhã. Eu o teria feito enterrar suas unhas curtas na minha pele, não apenas porque eu não queria que me soltasse, mas porque junto com um último

prazer de verdade, eu teria desejado uma última dor.

\*

Isto não pode estar acontecendo.

Não comigo.

Fiquei ali deitada. Tentei ser paciente, como meu pai havia pedido. Esperei acordar.

É, eu sei: um clichê total. Isto tem que ser um sonho. Você diz isso para si mesma, e quem sabe até se belisca, mesmo sabendo que isso é besteira, que esse mero ato prova que não é um sonho. Em um sonho você nunca questiona a realidade. Em um sonho as pessoas somem, prédios aparecem, cenas mudam, você voa. Você cai. Tudo faz todo o sentido. Você só rejeita a esquisitice quando está acordada.

Por isso esperei acordar.

Grande decepção: não acordei.

Primeiro estágio, negação. Confere.

Apreendi os cinco estágios da angústia quando meu avô faleceu. Não que eu tenha passado por eles. Não que tenha me angustiado, não de verdade. Não por um cara que só vi duas vezes, que meu pai parecia detestar e que minha mãe, a única filha do falecido, dizia mal se lembrar. Ela chorou de qualquer forma, e meu pai a aturou... por alguns dias, pelo menos. Todos fizemos o mesmo. Ele comprou flores para ela. Não revirei os olhos, nem mesmo quando ela derrubou o copo no jantar pela terceira vez em seguida, com a mesma risadinha irritante de “oh, como sou desastrada”. E a Zo foi à rede e desencavou os cinco estágios da angústia.

Negação. Raiva. Negociação. Depressão. Aceitação.

Como eu já estava morta, ou pior do que morta, enterrada viva em um corpo que era como um caixão exceto por me negar o prazer da asfixia, calculei que podia me angustiar.

Não, não era angústia. Essa não era a palavra certa.

Fúria.

Odiei a tudo e a todos. O carro, por bater. Meu corpo, por sofrer queimaduras e fraturas. A Zo, por ter me mandado no lugar dela. Por viver, respirar e se divertir em algum lugar além da escuridão, em um corpo que funcionava. Odiei o Walker por me esquecer, como eu tinha certeza que ele faria, pelas garotas com quem ele ia sair e as garotas com quem ia transar e pela garota com quem ia se aninhar na cama, os braços dele se fechando em torno dela, seus lábios sussurrando promessas de como ela era a única. Odiei os médicos que entravam e saíam, forçando meus olhos e se abrirem, me cegando com suas lanternas minúsculas, apertando os olhos, me encarando, esperando por algum tipo de reação que eu ainda não podia lhes dar, enquanto todo o tempo eu gritava dentro da minha cabeça: Estou acordada! Estou viva! Me escutem! Me ajudem! e então as pálpebras se fechavam e me devolviam à

escuridão.

Meu pai ficou ao meu lado, o único a falar comigo, uma ladainha enfadonha e sem fim: “Tenha paciência, Lia.” “Tente acordar, Lia.” “Tente se mexer, Lia.” “Vai ficar tudo bem, Lia.” “Se esforce, Lia.” “Você vai ficar bem.” Eu queria acreditar nele, porque sempre acreditei nele. Queria acreditar que ele ia resolver isto como resolvia tudo. Queria acreditar nele, mas não conseguia, por isso o odiei mais que tudo.

Em seguida, veio a negociação. Não havia ninguém a quem implorar, mas implorei assim mesmo. Primeiro, para acordar, para abrir os olhos, sentar, girar as pernas para fora da cama, sair andando, e esquecer a coisa toda. Mas era evidente que isso não ia acontecer. Então cedi um pouco: Faça com que eu abra os olhos, que seja capaz de falar, que consiga me mexer e sentir. Faça com que isto não seja para sempre. Faça eu melhorar.

E aí, depois, ainda sem nenhuma mudança, ainda sem nenhuma esperança: Faça eu abrir os olhos. Faça eu falar. Faça eu escapar.

Isso foi antes da dor.

Da mesma forma que os médicos, ela não se deu ao trabalho de chegar de fininho. Ela explodiu, uma explosão de luz no escuro. Eu vivia na dor. Ela era todo o meu ser, era atemporal, era para sempre... e aí ela sumiu.

Isso foi o começo.

Prazer intenso, uma quentura que se espalhava e crescia até chegar a um fogo quase intolerável. Frio mordente. Calor cauterizante. Tormento. Uma alegria efervescente que desejava apenas rir. Medo... não, pavor. Sensações que tomavam conta de mim vindas do nada, desaparecendo tão rápido quanto surgiam, sem nenhum motivo, nenhum padrão, nenhum aviso. E aquela que nunca ficava longe tempo demais antes de voltar: a dor.

Eu nunca dormia. Podia sentir o tempo passar, podia dizer pelas coisas que os médicos murmuravam uns aos outros que os dias estavam passando, mas eu nunca perdia a consciência. Perdia o controle quando as ondas chegavam, perdia a razão e perdia a mim mesma nas sensações incompreensíveis, mas as ondas nunca me levaram embora, por mais que eu quisesse. E nos momentos entre elas, quando as águas negras estavam paradas e eu era eu mesma de novo, eu voltava para a negociação.

Faça com que eu durma.

Faça com que eu morra.

\*

— Tudo bem, mas você fica me devendo — eu havia dito para a Zo.

Antes.

Ela fez que não ouviu, enrolando o cabelo em um coque frouxo que prendeu logo acima do pescoço. O cabelo dela era loiro, como o meu, só que o meu era lustroso e cheio e balançava em torno dos meus ombros quando eu ria, enquanto o dela era embaraçado e caído e, não importando o que fizesse,

parecia que não tinha sido lavado. Sempre lhe dizia que ela era tão bonita quanto eu, mas nós duas sabíamos a verdade.

— Pense melhor. Você me deve — ela disse depois de algum tempo, colocando um suéter marrom desbotado que a fazia parecer uma batata. Não falei nada. Nossos pais tinham escolhido meninas, escolhido o cabelo loiro e os olhos azuis, pago o preço extra para garantir índices baixos o bastante de massa corporal e altos o bastante de QI, mas não havia um gene da preguiça que pudesse ser facilmente filtrado, nenhum dinheiro do mundo garantiria uma Zo que não estragasse todas as outras vantagens genéticas que havia recebido. — Ou prefere que eu conte pro Papai onde você esteve de verdade neste fim de semana? Tenho certeza de que ele iria adorar saber que quando você disse que ia ficar “rachando de estudar pra prova”, quis dizer que ia ficar com o Walker, rachando a boca no...

— Já disse que ia, Zoie. — Ela detestava o nome. Agarrei o cartão da chave da mão dela. — E aí, mereço saber aonde você vai enquanto troco fraldas e limpo ranho no seu lugar?

— Não.

Nenhuma de nós tinha que trabalhar. Com o tamanho da conta de crédito dos nossos pais, nenhuma de nós jamais teria que trabalhar. Exceto pelo fato de que nosso pai era adepto da produtividade.

“Arbeit macht frei”, ele costumava dizer quando éramos pequenas. É alemão, como meus tataratataravós. “O trabalho liberta.”

Tinha doze anos quando repeti aquilo para uma professora. Ela me deu um tapa. E depois me contou de onde a frase vinha. Os prisioneiros ouviam aquilo dos nazistas. Logo antes de serem forçados a trabalhar até a morte.

— História antiga — meu pai disse, quando lhe dei as más notícias. — Ressentimento prescreve legalmente depois de cem anos.

Ele fez a professora ser mandada embora.

Eu não precisava arranjar um emprego por ser uma atleta. “Uma vencedora”, meu pai dizia sempre que eu vinha com outro troféu da pista de corrida. “Uma trabalhadora.” Ele nunca ia às competições, mas os troféus de primeiro lugar enchiam uma prateleira do seu escritório. Os de segundo lugar ficavam no meu quarto. Todo o resto ia para o lixo.

A Zo não praticava nenhum esporte. Que eu soubesse, ela não fazia nada a não ser passar o dia em estacionamentos com os amigos fracassados e ficar chapada com baseados, algum novo tipo que soltava essas nuvens fedorentas de fumaça quando você tragava, para você se sentir como alguém dos maus e velhos tempos antes da nicotina ser proibida.

— Queria saber o que tem de legal em ficar parecida com a vovó — perguntei uma vez.

— Não faço as coisas só porque elas são legais — Zo devolveu. — Você é que faz isso.

Só para deixar claro, eu não fazia coisas por elas serem legais.

As coisas eram legais porque eu as fazia.

Por isso, todos os dias, eu corria quinze quilômetros na pista enquanto a

Zo cumpria o turno determinado por papai na creche, limpando narizes molhados e trocando fraldas cagadas, exceto nos dias em que ela me enrolava para ficar no lugar dela.

— Tudo bem — eu disse para a Zo. — Mas te juro que é a última vez.

E foi.

As coordenadas já estavam programadas no carro. Nosso pai ia conferir de noite para ter certeza de que o carro havia ido ao lugar certo, mas não tinha como saber qual irmã tinha ido dentro dele. Teclei “Bebelândia” e me joguei no banco de trás. O Walker mal podia esperar ter dezoito anos para poder dirigir manualmente, mas eu não via graça nisso. Melhor me jogar no banco e deixar que ele se moldasse ao meu corpo, ouvir uma revista, me conectar com o Walker para lembrá-lo da festa daquela noite, patrulhar a rede para ter certeza de que nenhum dos meus amigos havia pregado fotos de alguma coisa que eu não devia ter perdido (o que era impossível, pois todos concordavam que, se eu perdesse algo, era porque valia a pena perder).

Mas naquele dia eu me desconectei. Nada de bate-papo, nada de links, nada de vídeos, nada de música, nada de nada. Silêncio. Fechei os olhos.

Estava com aquela sensação que eu só tinha quando corria, já depois de alguns quilômetros, depois de ter ultrapassado a onda de exaustão e o mundo ter se reduzido ao bater dos meus pés no chão e o ar soprando nos pulmões e o zumbido nos ouvidos. Na verdade, não era uma sensação, mas uma ausência de sensações, uma ausência de mim mesma. Como se eu não existisse mais. Pelo menos não como Lia Kahn; como se não fosse nada além de um borrão de braços e pernas, grunhidos, sangue pulsante, músculos furiosos, vento, só corpo, sem mente. Deitada ali naquele dia com os olhos fechados não deveria fazer eu me sentir daquela maneira, mas fez. De algum modo meu eu estava vazio. Livre de preocupações, livre de pensamentos. Perdida na escuridão por trás das pálpebras.

Como se uma parte de mim soubesse o que estava para acontecer.

Como se não fosse uma surpresa quando tudo virou de cabeça para baixo e o grito de metal contra metal explodiu no silêncio e o mundo girou em torno de mim, chão em cima do céu em cima do chão em cima do céu, e aí, com um barulho de trovão e o vidro e o aço triturados, um teto retorcido me esmagando contra o assoalho rasgado, contra o solo.

Digo pra todo mundo que não lembro o que aconteceu depois disso. Digo que bati a cabeça e tudo ficou escuro. Eles acreditam. Eles querem acreditar.

Não querem saber como fiquei presa, a pele rilhada por dentes de metal; as pernas dormentes, ausentes, como se o universo terminasse na cintura; braços torcidos, deslocados dos ombros, queimando de dor. Não querem saber como um olho ficou cego por trás de uma película de sangue, mas o outro via claramente: fumaça preta, um pedacinho de azul por trás de uma janela quebrada, a pele sardenta salpicada de vermelho, um vislumbre branco de osso. Uma centelha laranja.

Não querem saber como foi quando comecei a queimar.

\*

Queria poder dizer que minha vida passou diante dos meus olhos enquanto estive presa nesta cama. Poderia ter deixado as coisas mais interessantes. Tentei forçar isso. Achei que se conseguisse me lembrar de tudo pelo que havia passado, momento a momento, então talvez fosse quase como estar viva de novo. Podia pelo menos matar algumas horas, quem sabe até dias, revivendo os grandes sucessos de Lia Kahn. Mas foi inútil. Eu começava com o momento mais distante de que conseguia me lembrar, ou seja, gritando com a picada do meu primeiro exame médico matinal, convencida pela lógica infantil de que a agulhinha prateada ia chupar todo o meu sangue, enquanto minha mãe alisava o meu cabelo e implorava que eu parasse de chorar, me prometendo um biscoito, um pirulito, um cachorrinho, qualquer coisa para me calar antes que meu pai chegasse. Eu me lembrava das lágrimas molhando meu rosto, do desgosto do meu pai evidente no dele; e aí pensava sobre como os exames médicos diários e a medicina com DNA personalizado devia nos deixar todos com saúde, segurança e vivendo quase eternamente, e como quase não era o bastante quando o sistema de navegação do carro fazia uma cagada e enfiava você em um caminhão ou uma árvore e te virava do avesso e te mastigava. Eu me lembrava da mão da minha mãe em minha testa e me perguntava por que nunca ouvi a voz dela no quarto.

Dias se passaram.

Fiz listas. De pessoas que eu conhecia. De pessoas que detestava. De palavras começando com a letra Q. Tentei fazer uma lista de todas as MaVs que eu já tive, desde a “Minha Primeira Máquina Virtual” rosa, com seus botões enormes e tela à prova de bebês, até a minha atual favorita, uma nanoMaV azul neon que você podia grudar na camisa, no pulso, ou até na bunda se quisesse ficar mostrando vídeos enquanto rebojava pelo refeitório da universidade. Não que eu tivesse feito isso... mais que uma vez. Mas as coisas ficavam pouco claras lá pelo meio da lista. Eu tivera MaVs demais para me lembrar de todas, já que, se tivesse dinheiro o bastante, o que eu tinha, você podia alterar quase qualquer coisa para funcionar como um computador virtual e se conectar na rede.

Cantei músicas para mim mesma. Pratiquei os versos que eu me forçara a decorar para as aulas de inglês, pois, de acordo com o meu professor sem noção: “O teatro pode estar morto, mas Shakespeare é imortal.”

“Morrer... dormir: não mais.

Dizer que rematamos com um sono a angústia

E as mil pelepas naturais – herança do homem:

Morrer para dormir... é uma consumação

Que bem merece e desejamos com fervor.



O que quer que isso quisesse dizer. O Walker havia interpretado uma passagem de Romeu e Julieta com a Bliss Tanzen fazendo o papel de Julieta, e eu me perguntava se a Bliss seria aquela (ou aquelas, se você contasse os peitões dela), que ficaria no meu lugar.

Ouvia os médicos, esperando que revelassem algum detalhe das suas vidas pessoais ou pelo menos dissessem alguma coisa além de “ondas delta baixas”, “frequência alfa acelerada”, “ritmo confirmado como variante normal”, ou qualquer das frases que trocavam sempre. Tentei mexer os braços e as pernas; tentei senti-los. Percebia, quando abriam meus olhos, que estava deitada de costas. Significava que devia haver uma cama debaixo de mim, algum tipo de lençol. Por isso tentei imaginar meus dedos sobre o algodão áspero. Mas quanto mais o tempo passava, mais difícil ficava até mesmo imaginar que tinha dedos. Por tudo o que eu sabia, não tinha.

Parei de tentar.

Parei de pensar. Vagava através dos dias em uma névoa cinzenta. Desperta, mas não acordada. Sem me mexer, mas sem me importar.

Por isso, quando finalmente aconteceu, não foi por minha causa. Não estava tentando. Nem sabia o que estava fazendo. Apenas... aconteceu. Olhos fechados, olhos fechados, olhos fechados...

Olhos abertos.

Então ouvi um grito, talvez de um médico, talvez do meu pai, eu não tinha como saber, pois estava olhando para um teto acinzentado. Mas tinha conseguido, tinha aberto os olhos, de algum jeito, e eles continuaram abertos.

Outra coisa se mexeu. Um braço.

O meu braço. E, por um momento, esqueci de tudo em meio a uma explosão de puro alívio: meu braço. Intacto. Não conseguia senti-lo, não tentava mexê-lo, mas o vi. Vi meu braço pular para cima, atravessar o campo de visão e voltar para a cama, com força, com um baque. E depois o outro braço. Para cima. Para baixo. Pam. E minhas pernas... Tinham que ser minhas pernas. Não conseguia senti-las, não conseguia vê-las, mas podia ouvi-las contra o colchão, um bater de pam, pam, pam. Meu pescoço curvou-se para trás e o teto girou para longe, e aí comecei a voar e depois uma pancada, alta, como um corpo batendo no chão. Tam, tam, tam, enquanto minha cabeça batia nos ladrilhos, batia de novo, e de novo, só com barulho e sem dor. E então ouvi o som de pés vindo em minha direção e tudo o que eu queria era voltar para a inatividade da escuridão, mas agora não conseguia fechar os olhos, e duas mãos, gorduchas, brancas e sem calos, agarraram meu rosto e o mantiveram no lugar, e então, pela primeira vez desde que acordei, tudo parou.

Dormir... talvez sonhar.